



AUTISMO

**02/04 – DIA MUNDIAL
DE CONSCIENTIZAÇÃO**



Mesmo em tempos em que todas as atenções estão voltadas para o combate da Covid-19, não podemos esquecer de conscientizar a população sobre outras questões presentes na sociedade. Por isso, é importante lembrarmos que também estamos no mês escolhido para a conscientização sobre o transtorno do espectro autista.





Em 18/12/2007 a ONU estabeleceu o dia 2 de abril como o Dia Mundial do Autismo. O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade — criado em 1963 pela National Autistic Society, no Reino Unido. A cor associada ao autismo é o azul, por causa da sua maior incidência em meninos. Estima-se que a frequência de TEA seja de quatro a cinco vezes maior em pessoas do sexo masculino.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) No Brasil, mais de 45 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência, o que corresponde a quase 24% da população.

No Brasil, a “Lei Berenice Piana” — Lei 12.764, de 2012, que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, regulamentada pelo Decreto 8.368, de 2014 — garante os direitos dos autistas e os equipara às pessoas com deficiência.

Segundo pesquisa global de 2019, com mais de 2 milhões de pessoas, de 5 diferentes países, de 97% a 99% dos casos de autismo podem ter causa genética, sendo 81% hereditário; e de 1% a 3% apenas podem ter causas ambientais, ainda controversas, como, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente mais de novecentos de genes (precisamente 913, em fev/2020) já mapeados e implicados como fatores de risco para o transtorno.





Definição

O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um distúrbio neurológico caracterizado por prejuízos em duas esferas: comunicação social, quantitativa e qualitativa, e comportamento, que apresenta padrões repetitivos e restritos.



Para que seja adequadamente caracterizado, o TEA exige uma análise individualizada criteriosa em cada criança e/ou pessoa.

Definindo de forma simples, o TEA qualifica-se como um transtorno neuropsiquiátrico que apresenta sinais e sintomas básicos, como dificuldade de interação social, déficit de comunicação social (quantitativo e qualitativo), e padrões inadequados de comportamento.

A palavra foi utilizada primeiramente por Bleuler, em 1911, significando a perda de contato com a realidade. O termo foi cunhado analisando as crianças pesquisadas, que viviam num mundo próprio, “dentro de si mesmas”, e daí é proveniente a raiz “auto” (voltado para si próprio). Em 1943, o médico Leo Kanner publicou um artigo baseado em suas pesquisas envolvendo mais de uma dezena de crianças que apresentavam dificuldade na interação social, déficit de comunicação e padrões inadequados de comportamento.

Quase no mesmo momento, sem ter conhecimento deste trabalho, Hans Asperger publicou um artigo baseado no estudo de centenas de crianças com as mesmas características clínicas citadas por Kanner, mas com melhor desenvolvimento cognitivo e relacionamento social.



O autismo não é uma doença, e sim uma condição neurológica, marcada por dificuldades no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e no comportamento social.



Sabe-se que a genética e fatores ambientais, como complicações no parto ou no período neonatal, desempenham um papel chave nas causas do transtorno.



Causas do Autismo

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez.

Existem atualmente (março/2021) 1.003 genes já mapeados e sendo estudados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.



Diagnóstico

Não existem exames laboratoriais ou de imagem que diagnostiquem o autismo. Os pais são os primeiros a notar algo diferente nas crianças autistas. Quando o bebê se mostra indiferente à estimulação por pessoas ou brinquedos, focando sua atenção por longos períodos em determinados itens.



Outras crianças começam com um desenvolvimento normal nos primeiros meses para mais tarde tornar-se isolado a tudo e a todos. Normalmente, o diagnóstico é feito clinicamente através de entrevista e histórico do paciente. No entanto, tem famílias que levam anos para perceber algo anormal na criança, causando atraso para o início de uma educação especial, pois quanto antes se inicia o tratamento, melhor é o resultado.



Classificação

O autismo pode ser classificado em grau leve, moderado ou severo, dependendo do apoio necessário que a pessoa precisa para realizar as atividades do dia a dia.

A nomenclatura atual é “Transtorno do Espectro do Autismo” (TEA), por ser um conjunto de comportamentos que afeta cada indivíduo de modo e grau diferente, com uma ampla variedade.



Sinais e sintomas

As pessoas com autismo não apresentam um aspecto físico diferente; percebemos as alterações através do seu comportamento. Geralmente, os primeiros sintomas começam a se tornar evidentes em torno do segundo ano de vida, com dificuldades de olhar nos olhos, atraso na fala, pouco interesse por outras pessoas e movimentos repetitivos e estereotipados. Quadros leves podem receber diagnóstico tardio ou mesmo passar despercebidos durante toda a vida.



O universo autista é o mesmo de todas as pessoas; porém, como eles sentem e interagem de uma forma diferente, devido à sensibilidade alterada, muitas vezes se isolam socialmente, dando essa impressão de viver em outro mundo.



Tratamento

O autismo não tem cura, pois não é uma doença, e sim uma condição neurológica. O tratamento, necessário especialmente para casos mais intensos, é multidisciplinar e é baseado de acordo com o comprometimento de cada caso.

Abordagens com fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, médicos e psicólogos podem ser necessárias e de forma intensiva, se for o caso. Alguns subtipos leves podem necessitar apenas de abordagem educacional com psicopedagogos.

Quanto antes for realizado um tratamento especializado, melhor o prognóstico, isto é, melhor será o desenvolvimento dessa criança.





AUTISMO

**MITOS E
VERDADES**



MITO

VERDADE

Toda pessoa com autismo é um gênio.

Existem, sim pessoas com autismo que apresentam habilidades acima da média, porém são uma minoria, por volta de 10% dos casos. Essas pessoas, apesar destas habilidades, podem apresentar um déficit grande nas demais áreas.

Pessoas com autismo não falam e não conseguem entender o que é dito.

Muitas pessoas com autismo podem não falar, mas não quer dizer que não entendem o que é dito.

As pessoas com autismo se isolam por falta de afeto dos seus pais.

O autismo é uma condição neurológica, não tem relação nenhuma com a falta de afeto. O isolamento ocorre pelas alterações ocasionadas pelo autismo, como à dificuldade de relacionar-se, dentre outras.

Pessoas com autismo gritam e choram, ou se jogam no chão e apresentam outros comportamentos similares; isso quer dizer que são mal-educadas.

As pessoas com autismo podem gritar, chorar e se jogar no chão, não por falta de educação, mas sim por uma sobrecarga sensorial, dificuldade de comunicação e outros fatores.

Todas as pessoas com autismo apresentam movimentos repetitivos, como se balançar.

Esse é um dos comportamentos que mais aparecem nas mídias. Existem pessoas com autismo que apresentam este comportamento, porém não são todas.

Há tratamentos capazes de curar o autismo.

O autismo não tem cura, mas existem tratamentos que podem amenizar os sintomas e trazer melhor qualidade de vida. Não existe um medicamento para o autismo, e sim para os possíveis sintomas. A terapia mais indicada é a comportamental, pela eficácia e comprovação científica.



MITO

VERDADE

Pessoas com autismo não tem sentimentos e não gostam de carinho.

Para algumas pessoas com autismo o contato físico pode ser muito desconfortável, decorrente de uma hipersensibilidade, aparentando que elas não gostam de carinho. O autismo não faz com que a pessoa deixe de ter sentimentos, mas pode fazer com que ela tenha dificuldade para se expressar.

Vacinas causam autismo.

Não, vacinas não causam autismo. Diversos trabalhos científicos comprovam que não existe nenhuma ligação entre as vacinas e o autismo.

O autismo é contagioso.

O autismo não é uma doença e sim uma condição neurológica, dessa forma não é contagioso. Uma pessoa não contrai autismo pelo contato.

Pessoas com autismo não podem participar de atividades em sociedade.

A inclusão social é um direito de todos. É fundamental que as pessoas com autismo estejam inseridas na sociedade, mas com acessibilidade, adaptações do ambiente e as devidas ferramentas para que possam usufruir dessas vivências. Um maior conhecimento sobre o assunto pode ser favorável ao convívio, especialmente em sua fase inicial.



MITO

VERDADE

Pessoas com autismo são agressivas e devem ser isoladas.

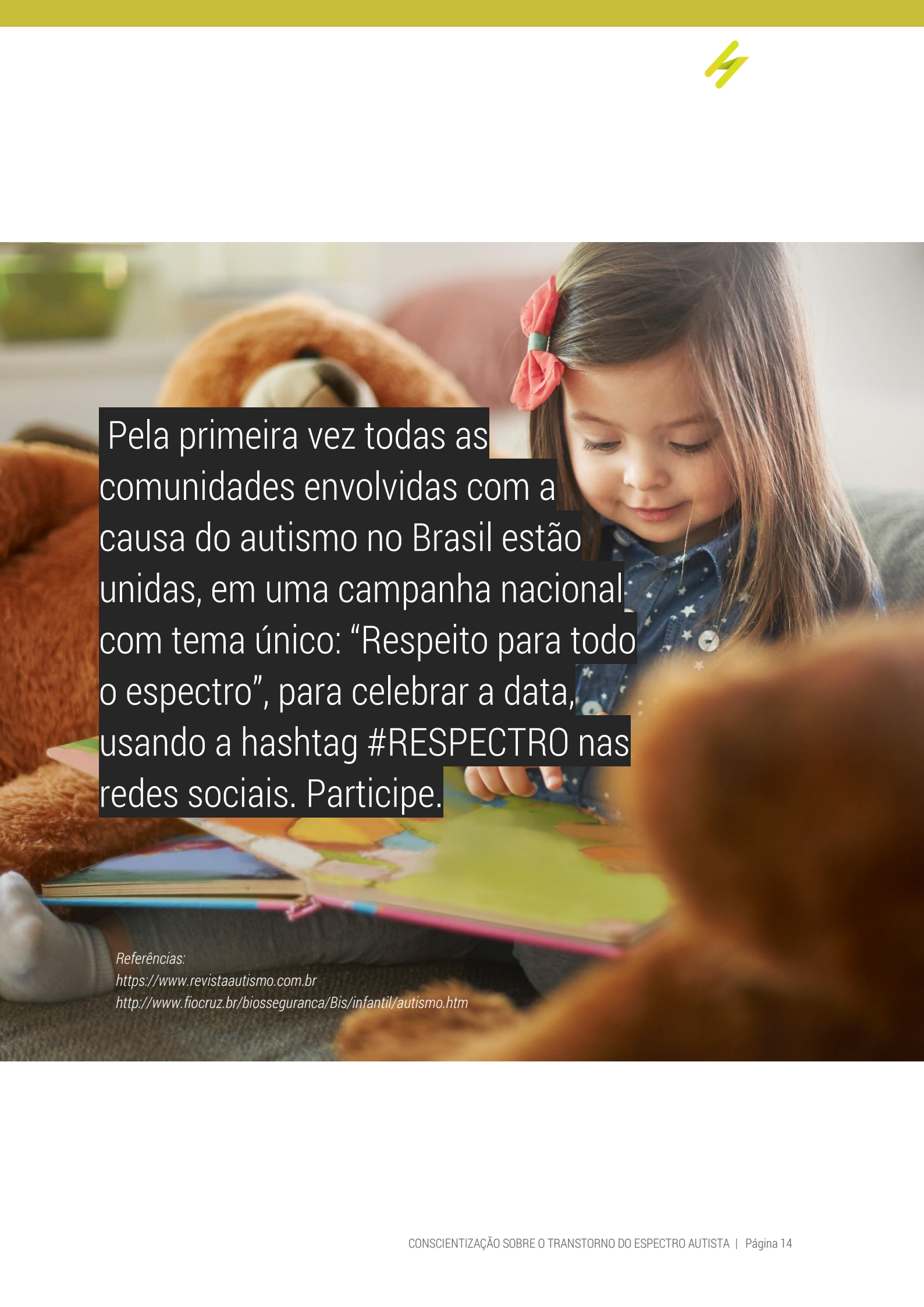
Algumas pessoas com autismo apresentam “agressividade”, mas não todas. Quando isso ocorre, é consequência dos déficits ocasionados pelo autismo, como a dificuldade de se comunicar, e não pelo intuito de machucar o outro. Nesse caso é necessário a busca de tratamento especializado.

Após certa idade, pessoas com TEA não conseguem mais aprender as atividades envolvidas na higiene bucal.

Nenhuma atividade tem prazo para ser conquistada. Pessoas com TEA aprendem em qualquer idade, basta ter alguém que queira ensiná-las! Cada um aprende em seu tempo, e é preciso respeitar esse tempo. Treinar para cuspir, treinar para abrir a boca, treinar para escovar os dentes, treinar para passar o fio dental, e assim sucessivamente, tornam possível o aprendizado e a colocação em prática destas importantes atividades.

Todas as pessoas com autismo têm alergia alimentar.

Algumas pessoas com autismo têm alergia alimentar e fazem uma dieta específica, dessa forma se sentem melhor, e conseqüentemente o seu comportamento pode melhorar. Porém, a melhora é por minimizar os sintomas da alergia, e não porque está diminuindo o autismo.

A young girl with long brown hair and a red bow is sitting on a couch, reading a colorful book. She is wearing a blue shirt with white stars. The background is a warm, indoor setting with a brown teddy bear visible on the left.

Pela primeira vez todas as comunidades envolvidas com a causa do autismo no Brasil estão unidas, em uma campanha nacional com tema único: “Respeito para todo o espectro”, para celebrar a data, usando a hashtag #RESPECTRO nas redes sociais. Participe.

Referências:

<https://www.revistaautismo.com.br>

<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/autismo.htm>

